

ÁLVARO KASSAB
kassab@reitoria.unicamp.br

O impacto das novas tecnologias na sociedade ocupa um papel fundamental nas pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo Laymert Garcia dos Santos, professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH). A centralidade da tecnociência, as implicações sociais da biotecnologia, a propriedade intelectual, o meio ambiente, e as relações entre cultura e novas ferramentas tecnológicas, entre outros temas, figuram em seu trabalho. Na matéria que segue, Laymert antecipa algumas das idéias que vai expor dia 17 durante o simpósio “Ambiente, Tecnologia e Sociedade”, que integra a programação da 60ª Reunião Anual da SBPC.

Biotechnologia

Trabalho atualmente em uma pesquisa cujo foco é o futuro do humano. Tenho particular interesse pela incidência da biotecnologia sobre aquilo que se considera a natureza humana. Sempre fico bastante espantado com a espécie de “esquismo” ou de separação que existe na cabeça de muitos especialistas da genética sobre os efeitos que as transformações biotecnológicas podem exercer no entendimento do que é o humano, do que é a psique humana, do que é e pode ser conhecimento humano e do que são e podem ser as relações humanas. Participei de várias mesas com especialistas que dão de barato que essas transformações se encaixam numa espécie de continuidade do nosso modo de existência e do nosso modo de pensar.

A ruptura

Acho que há, nessa questão, uma ruptura importante de ordem epistemológica, mas que, na medida em que pode se transformar numa modificação de células germinativas, pode também se transformar numa modificação ontológica, ou seja, do modo de ser humano. Essa questão precisa ser discutida com a sociedade em todas as frentes.

Efeitos colaterais

Na minha opinião há uma espécie de euforia generalizada com aquilo que seria o chamado progresso da genética, sem uma consideração efetiva dos efeitos colaterais deste progresso na transformação do humano. Será que a sociedade quer e sabe do que se trata? Existe no campo da filosofia uma discussão já bastante intensa sobre isso. Ocorre que esse debate não é repercutido talvez por causa de sua própria complexidade. Não é repercutido e considerado pela mídia da maneira como deveria ser. A mídia é aberta e permeável demais a um único ponto de vista, que é o do progresso da ciência. Não sou contra o progresso, mas estamos numa fase da humanidade em que isso precisa ser discutido do ponto de vista político, e não apenas do ponto de vista científico.

O pós-humano

Muitos autores trabalham hoje na perspectiva do avanço das mutações. Basta levar em consideração o que diz a chamada Escola da Singularidade acerca do modo como as novas tecnologias vão impactar o humano. Estamos entrando naquela que pode ser considerada a era do pós-humano, na qual fato e ficção científica se misturam.

Para onde vamos?

Acho que, no Brasil, a discussão ainda é incipiente, em parte, porque o país não é de ponta em termos tecnocientíficos. O pensamento prioritário é voltado para uma espécie de consolidação da tecnociência. Não podemos discutir a fundo porque, argumenta-se, atrapalharíamos o seu fortalecimento. Além de não ser muito bem-vinda, a crítica é considera-

da sempre regressiva. Sua origem é sempre atribuída a alguma espécie de fundamentalismo humanista ou religioso, ou seria derivada de uma certa nostalgia. Não é nada disso. Trata-se justamente de considerar que a sociedade deve ter o direito de saber onde estamos e para onde vamos.

Aceleração

Vivemos um processo denominado pelos especialistas de aceleração da aceleração, ou seja, de aceleração exponencial. Essa aceleração da tecnociência entra em compasso com a aceleração econômica, que é propulsada pela globalização. Mas nem sempre as duas acelerações andam juntas. Pode haver conflito e diferenças de ritmo entre elas. Quando surge esse descompasso, passam a existir situações interessantes como, por exemplo, conflitos em torno da questão da apropriação da nova riqueza. Trata-se, evidentemente, da riqueza promovida pela força produtiva-ciência.

O escape

Antigamente, o conhecimento não era apropriado. Era apropriada apenas a aplicação do conhecimento. Hoje a informação é apropriada; o mesmo ocorre com o conhecimento, por meio das diferentes formas de propriedade intelectual. A própria propriedade intelectual, tal como concebida por exemplo no início dos anos 90, já se tornou problemática, em razão de desdobramentos da velocidade da aceleração tecnológica. Vários desenvolvimentos importantes dessa aceleração – e da produção de conhecimento e de informação – começam a escapar.

Fora da moldura

Esse escape ocorre por meio de softwares livres e de uma série de desenvolvimentos que não cabem mais na moldura legal da propriedade intelectual. Com relação, por exemplo, à questão da invenção, no terreno da informação hoje você tem software livre, *open source* e propriedade intelectual. Somente a existência dessas três diferentes modalidades, com a *open source* tentando se inscrever entre um regime de propriedade duro e a total abertura do código das informações e do conhecimento do *software livre*, já mostra que o descompasso entre a aceleração tecnológica e a aceleração do capital cria situações interessantíssimas que complexificam o terreno como um todo.

Na periferia

Como fica essa situação na periferia do capitalismo, como é o nosso caso? Trata-se de uma questão importante para ser discutida no Brasil. Ela é interessantíssima não apenas porque temos dificuldade em gerar conhecimento transformável em propriedade intelectual. É relevante também porque precisamos saber em que medida o software livre pode ajudar, ou não, o nosso desenvolvimento. Ou, em última análise, de que maneira dispositivos que escapam do regime de propriedade podem favorecer

países como o nosso?

No tabuleiro

Em que medida, nós devemos jogar simultaneamente em dois tabuleiros, como faz a China na questão da propriedade intelectual, ou como fez a Índia na questão dos medicamentos? São questões contemporâneas, mas, ao mesmo tempo, dada a nossa configuração periférica – ou semiperiférica como querem alguns, já que o país é emergente – que precisam ser discutidas a fundo em termos da especificidade da condição brasileira. Não deveríamos pensar a questão da invenção e da inovação nos moldes de uma imitação do que aconteceu no Primeiro Mundo. Estamos vendo essa questão ser processada de um modo peculiar por dois gigantes emergentes – a China e a Índia.

Outros olhares

Acompanho com muito interesse o trabalho que o Ministério da Cultura vem fazendo na relação entre tecnologia e cultura. O ministro Gilberto Gil tem uma posição interessante, por exemplo, na questão do direito autoral. Esse trabalho contempla não apenas a necessidade da reforma do direito autoral, como também o modo como softwares livres e essa produção do conhecimento e da informação, que escapam ao regime da propriedade, podem favorecer setores que estão excluídos do mundo da cultura e da economia.

Novas tecnologias

O país pode ter, com relação às novas tecnologias, um ponto de vista diferente. Sua população é muito mais jovem do que a dos países do Primeiro Mundo. Trata-se, além disso, de uma população moderna, já que é pouco ligada ao passado – é voltada para o presente e para o futuro, muito embora esse futuro, para nós, seja bastante problemático. Esse contingente tem uma abertura para o novo cujo potencial é muito grande. Portanto, a relação que ela tem com as novas tecnologias já pode ser, de saída, bastante positiva, o que não significa que ela deva ser eufórica.

O novo

É preciso considerar o modo de articulação da nossa cultura – que é bastante vital – com as novas tecnologias. Isso pode ser potencializado. Portanto, tecnologia e cultura precisam ser pensadas conjuntamente, assim como economia e ambiente. No nosso caso, tem que ser levada em conta a nossa perspectiva diferenciada com relação aos países de Primeiro

Mundo. Se não tivermos uma estratégia, estaremos sempre voltados não para o que a gente tem e para o que a gente pode, mas para o que a gente não tem e para o que a gente quer. Se agirmos assim, estaremos sempre começando pelo lado negativo, e não pelo positivo.

E os índios?

Nesse campo das novas tecnologias, temos uma péssima relação com os povos indígenas, que são não apenas os maiores preservadores como também produtores da floresta tropical. Não caiu ainda a nossa ficha dando conta que o futuro dos povos indígenas também é o futuro da floresta. Eles detêm tecnologias bastante interessantes – desprezadas por nós – para poder conviver com a flores-

ta de um modo sustentável e produtivo. Essas tecnologias passam por um outro tipo de saber e por um questionamento forte do sentido que atribuímos ao desenvolvimento.

Canetti e os mitos

Elias Canetti escreveu que era muito interessante observar que somos capazes de desenvolver tecnologias, mas que todas elas foram pensadas, primeiramente, no mundo do mito. O nosso problema principal, dizia Canetti, é que nós não temos capacidade de inventar mitos. Portanto, nós estamos produzindo tecnologias agora em cima de mitos que foram produzidos antigamente, mas não estamos produzindo as bases de tecnologias futuras em razão dessa incapacidade

O futuro humano

